

IMPACTOS DA PANDEMIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ariadne Carla Fagotti PAGLIARINI¹

Ananda GIACOMETI²

Ketllin Zanella da Conceição BONAPARTE³

Queli Ghilardi CANCIAN⁴

RESUMO: O processo de alfabetização que já não era uma tarefa fácil em condições normais, em tempos de pandemia tornou-se ainda mais desafiador, comprometendo não só o processo de alfabetização da criança na idade certa, bem como as inúmeras relações envolvidas no processo ensino/aprendizagem. A partir do exposto, o objetivo central deste estudo é compreender como esse processo de aquisição da leitura e escrita acontece, bem como a importância das relações sociais no espaço escolar para esse desenvolvimento, analisando quais impactos o ensino remoto, gerado pela pandemia da Covid-19, tem causado. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório descritivo, realizado por meio de revisão bibliográfica. Os resultados sugerem que os impactos ocasionados pela pandemia da Covid-19 afetaram não só o processo ensino/aprendizagem da criança ocasionado atraso e/ou deficiência no processo de alfabetização e letramento, bem como na rotina familiar que passou assumir quase que exclusivamente a responsabilidade de ensinar sua criança, tarefa que antes era dividida ou delegada a escola. Considera-se ainda, a urgência de se pensar em políticas que defendam o planejamento de estratégias que visem a recuperação da aprendizagem, como formação continuada dos docentes, reforço escolar e ampliação da carga horária para as crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Impactos na aprendizagem; Lúdico; Papel da família; Psicomotricidade.

1. INTRODUÇÃO

A Alfabetização sempre foi um grande desafio para os educadores, sendo considerada uma das etapas de escolarização mais importante da vida do ser humano, como se a partir dela, o sujeito se emancipasse, se transformasse e assim, passasse a transformar o mundo à sua volta. Tão importante quanto a Alfabetização,

¹ Especialista em Psicopedagogia e Neuropedagogia. Membro do grupo de pesquisa Fopocim UNIOESTE, e-mail: ariadnepagliarini@hotmail.com

² Especialista em Neuropedagogia, e-mail: anandagia@hotmail.com

³ Acadêmica da Especialização em Ensino de Ciências e Matemática; Mestra em Engenharia Agrícola – UNIOESTE, e-mail: ketllinzanella@gmail.com

⁴ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação – UNIOESTE. Membro do Grupo de Pesquisa Fopocim – UNIOESTE e bolsista CAPES, e-mail: quelcancian@gmail.com

é o processo de Letramento. Enquanto a primeira refere-se a aprendizagem do sistema alfabético ortográfico de escrita, letramento é o desenvolvimento das funções sociais da leitura e escrita.

Alfabetizar e Letrar vai além de codificar letras, de ensinar a ler e a escrever, assim como mostra Carvalho e Mendonça (2006, p. 19):

Pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, a alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita. Já o letramento pode ser definido como o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, como a leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo.

A leitura e a escrita são objetos históricos, sociais e culturais, e estão presente nas mais diversas situações cotidianas na vida da criança, desde muito cedo. Como afirma a teoria Sócio-Contrutivista, a construção do conhecimento depende da interação e da informação linguística, mediada e facilitada pelo professor (VYGOTSKY, 1989).

O professor é quem mediará a criança entre o nível de desenvolvimento real ao nível de desenvolvimento potencial, pois é o auxílio e mediação de outro indivíduo mais experiente, que facilitará o processo de aprendizagem (VYGOTKY, 1989).

A aprendizagem não ocorre de forma isolada, ela envolve a família, a escola, a sociedade e ocorre em todos os espaços, não exclusivamente na sala de aula. Percebemos isso de uma forma abrupta durante a pandemia, onde vimos as casas dos estudantes se tornarem salas de aula e pais ou responsáveis se tornarem professores.

Sabemos quão importante é a etapa da alfabetização no desenvolvimento da criança e que quando ela é bem consolidada, facilitará os períodos acadêmicos seguintes do aluno. Ler, compreender o que leu, saber fazer uso dessa informação

que recebeu, dará suporte a todas as aprendizagens posteriores. Diante disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define que até o 2º ano do Ensino Fundamental, as crianças deverão estar lendo e escrevendo. Isso inclui compreender diferentes formas gráficas de representar a escrita, dominar as relações entre os grafemas e fonemas, decodificar palavras, frases até ler texto, com rapidez e fluência,

[...] os anos iniciais do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos não se reduzem apenas à alfabetização e ao letramento. Desde os 6 (seis) anos de idade, os conteúdos dos componentes devem também ser trabalhados. São eles que, ao descortinar às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo (BRASIL, 2013, p. 121).

É fato que a leitura e escrita são instrumentos para a construção do conhecimento. Todavia, a preocupação com a alfabetização tardia, preocupa família e escola. Considerando os diversos desafios no processo de alfabetização e letramento da criança, somada às adversidades da pandemia da Covid-19, alguns questionamentos surgem estimulando o desenvolvimento do estudo. Como problema de pesquisa questiona-se, como ocorre aquisição da leitura e escrita? Qual é a importância das relações sociais no espaço escolar? E quais são os impactos do ensino remoto, ocasionado pela pandemia da Covid-19?

Neste sentido, o objetivo central deste estudo é compreender como esse processo de aquisição da leitura e escrita acontece, bem como a importância das relações sociais no espaço escolar para esse desenvolvimento, analisando quais impactos o ensino remoto, gerado pela pandemia da Covid-19, tem causado.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As fases do desenvolvimento da escrita

O processo de aquisição da linguagem escrita é diferente do processo da linguagem falada, essa a criança aprenderá naturalmente no convívio social, quando

inserida em um ambiente estimulador. Já a linguagem escrita, necessita de um ensino sistematizado, pautado nas práticas sociais de uso da mesma.

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (FERREIRO, 1999, p. 23)

A alfabetização começa em casa, muito antes do ingresso da criança à escola, com leituras, contação de histórias, brincadeiras e brinquedos pedagógicos e educativos. O contato com diferentes tipos de materiais que tragam o alfabeto, fará com que a criança se familiarize com as letras, compreenda que cada uma delas tem um nome, um som, um traçado diferente, e que utilizamos para escrever, informar, expressar.

Ferreiro e Teberosky (1986) desenvolveram estudos acerca do processo de alfabetização, descobrindo como a criança pensa a construção da língua escrita. Elas descreveram 4 fases por quais todas as crianças passarão até se alfabetizar: pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética.

Segundo as autoras, os erros que a criança comete no início da alfabetização, devem ser considerados como parte do processo construtivo da escrita, pois a partir dele, ela criará novas hipóteses de escrita. A BNCC – Base Nacional Comum Curricular (2017) também cita dessa forma, a partir da aprendizagem do todo para as partes. Nesse sentido, o papel do professor é extremamente importante para fazer as mediações, para promover a aprendizagem e a criança passar de uma fase para outra. As fases têm características diferentes e cada uma delas necessita de intervenções específicas.

A primeira fase do desenvolvimento da escrita, descrita por Ferreiro e Teberosky (1986), é a Fase Pré-silábica: nesta etapa, a criança faz nenhuma relação entre grafemas e fonemas, e ao ‘brincar’ de escrever utiliza letras, desenhos e outros sinais gráficos. Ainda não compreendemos que para representar a fala, nós utilizamos da escrita. As intervenções com a criança dessa fase devem priorizar o ensino da

função da escrita, apresentação das letras, diferenciação de outros sinais gráficos, de forma que a criança compreenda que utilizamos apenas letras para escrever.

A segunda, é a Fase silábica: nesta etapa, a criança percebe a relação entre a fala e escrita, entre os fonemas e grafemas. Tem noção de sílaba, supõe que cada letra representa um som. Por exemplo: para escrever BONECA ela pode usar BNK, podendo ter valor sonoro, ou não. As intervenções da criança nessa fase devem ser focadas no desenvolvimento da consciência fonológica.

A terceira é a Fase silábico-alfabética: nesta etapa, a criança tem a relação grafema e fonema, mas pode transitar entre representações de sílabas completas e parciais. Por exemplo: pode escrever ELEFANTE desta forma: ELEFT. Nesta etapa o trabalho continua sendo com a consciência fonológica, criando espaço para a escrita espontânea e levando a criança a pensar sobre o que escreveu.

A quarta etapa por qual a criança passa é a Fase Alfabética: nesta etapa começa a acontecer o princípio alfabético, o aprendiz já faz relação entre fonemas e grafemas, já compreendeu que a escrita representa a fala e se preocupa em usar duas letras ou mais para representar uma sílaba. A preocupação nessa fase é levar a criança a escrever ortograficamente correto.

Essa sequência de desenvolvimento nos mostra que o aprendiz transita numa evolução, para a aquisição da leitura e da escrita e que essas fases são de mais fácil aquisição quando as tentativas de leitura e escrita se fazem presente no cotidiano da criança e nesse processo, e quando há a ação de um indivíduo mais experiente, que modelará essa aprendizagem e o levará a pensar sobre sua hipótese de escrita. Para as autoras, educadores são mediadores do conhecimento durante o ensino/aprendizagem, fazendo com que a criança seja capaz de reconstruir o código linguístico e refletir sobre a escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985). Aqui, fica um questionamento, na ausência do professor, quem fará essas mediações na escrita?

2.2 O papel do lúdico no processo de alfabetização

O professor que está diante de uma turma com crianças em fase de alfabetização, deve compreender que elas chegam a escola com conhecimentos

prévios, pois é um sujeito pertencente a algum lugar, a uma família, sociedade. Portanto é primordial que a primeira coisa a se fazer é conhecer esse indivíduo e detectar quais saberes ele já adquiriu, a partir daí, traçar um planejamento para alfabetizá-lo.

Sabendo que as brincadeiras já fazem parte do cotidiano da criança, é importante inseri-las na alfabetização, assim, através do lúdico, a criança se sentirá à vontade para demonstrar seus saberes e motivada para aprender, pois nos aproximamos da sua realidade. Assim,

[...] valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos (BRASIL, 2018, p. 58).

O brincar proporciona situações de aprendizagem, desenvolvendo não apenas a motricidade, mas as capacidades cognitivas da criança, conforme cita Ronca: “[...] o movimento lúdico, simultaneamente, torna-se fonte prazerosa de conhecimento, pois nele a criança constrói classificações, elabora sequências lógicas, desenvolve o psicomotor e a afetividade e amplia conceitos das várias áreas da ciência” (1989, p. 27).

2.3 A importância das habilidades psicomotoras no processo de alfabetização

O desenvolvimento da leitura e escrita, deve estar em consonância com o desenvolvimento psicomotor, pois há habilidades motoras muito importantes, sem as quais, a criança não alcançará autonomia na leitura e escrita. Habilidades como noção espacial, lateralidade e a praxia fina, necessárias para a leitura e escrita, podem ser estimuladas desde muito cedo com atividades psicomotoras. O trabalho psicomotor deve estar presente desde a primeira infância, seguindo o que explica Fonseca: “Porque a motricidade e posteriormente, a psicomotricidade representam a maturação do Sistema Nervoso Central, é compreensível que os problemas psicomotores, mais

do que os motores, sejam evidenciados pelas crianças com dificuldade de aprendizagem (1996, p.285).

Percebe-se uma preocupação muito grande com o ensino sistemático das letras, mas devemos ter compreensão: “alfabetizar a linguagem do corpo e só então caminhar para as aprendizagens triviais que mais não são que investimentos perceptivo-motor ligados por coordenadas espaços-temporais e correlacionados por melodias rítmicas de integração e resposta (FONSECA, 1996, p. 142).

O desenvolvimento psicomotor abrange o desenvolvimento funcional de todo o corpo e suas partes. Há sete fatores que o integram: noção corporal, equilíbrio, lateralidade, tonicidade, estruturação espaço temporal e praxia fina e global (FONSECA, 1996)

O desenvolvimento das principais funções psicomotoras, proporciona uma boa estruturação do esquema e da imagem corporal, que levará ao reconhecimento do próprio corpo, assim como uma boa evolução da preensão, da coordenação óculo-manual, do desenvolvimento da função tônica, da postura em pé e reflexos da estruturação espaço-temporal entre outros. Um perfeito desenvolvimento de nosso corpo não ocorre mecanicamente, são aprendidos e vivenciados, inicialmente junto à família, onde a criança aprende a formar a base da noção de seu “eu”.

O ato de pegar (pinçar), andar, percebe-se como ser ocupante de um espaço, faz-se presente na psicomotricidade e quando chegar na fase da alfabetização se todo esse trabalho não estiver concretizado, haverá falhas. Conforme Negrine (1994, p. 17), [...] têm demonstrado a existência de estrita relação entre a capacidade de aprendizagem escolar da criança e sua possibilidade de desempenho neuromuscular. Este desenvolvimento neuromuscular é adquirido por meio da experiência em atividades físicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a alfabetização já era um grande desafio em nosso país, em tempos de pandemia as preocupações aumentaram. É certo que a pandemia trouxe muitas

mudanças na vida e na rotina de todos, e a educação também mudou, tornando-se virtual, surgindo muitos dilemas a serem superados por professores, estudantes e suas famílias. Estes tiveram que adaptar-se às novas ferramentas tecnológicas para uma nova contextualização escolar. Visto que, adaptar o conteúdo de forma a atender ao formato de aulas remotas não foi uma tarefa fácil.

Vimos nossas rotinas mudarem da noite para o dia e tivemos de nos reinventar. As crianças tiveram seu direito de frequentar a escola presencialmente interrompidos e as dificuldades de aprendizagem se agravaram. Mesmo as crianças que tiveram o mínimo de condições de acompanhar as aulas remotas, tiveram prejuízos, sejam acadêmicos, sociais ou emocionais.

O papel da família que antes era proporcionar o contato com a leitura e escrita, passou a ser ensiná-la de forma sistematizada, assumindo mesmo a tarefa de alfabetizar. Sabemos que muitas famílias assumiram essa função com muito afinco, porém, mesmo com tantos esforços encontraram muitas dificuldades. O pedagogo é quem está preparado para auxiliar e fazer as mediações necessárias.

Podemos constatar, que a aquisição da leitura e da escrita tem um papel crucial na vida do ser humano e essa aquisição passa por um processo, onde a criança constrói hipóteses sobre a linguagem escrita e a partir daí começa a formular respostas para a aquisição da leitura. Para conseguir auxiliar a criança nessa construção é necessário um indivíduo com mais experiência e que conheça cada fase que a criança passará.

Durante o isolamento causado pela pandemia, as relações sociais se limitaram a familiares muito próximos. Fora do espaço escolar, onde a criança se relacionava com seus pares, trocas significativas deixaram de acontecer. O espaço do brincar também se limitou ou tornou-se inexistente, consequentemente, as atividades psicomotoras também perderam seu espaço.

O brincar, mais do que nunca, necessita precisa ganhar mais espaço tanto no ambiente escolar, quanto no ambiente familiar, ele não deve ser um espaço privilegiado, mas sim de direito de todos. O ambiente lúdico também pode favorecer estratégias de autoconhecimento, reflexão, além de ser uma válvula de escape diante de conflitos emocionais, muito presentes em tempos de isolamento social.

É imprescindível que nessa retomada de aulas presenciais, as atividades motoras ganhem mais notoriedade, garantindo que as crianças estimulem as habilidades motoras, pois fora da escola elas não temos garantia que elas acontecem e a falta delas podem resultar em atrasos significativos. Nesse sentido,

[...] a ausência de espaço e a privação de movimento é uma verdadeira talidomida da atual sociedade, continuando na família (urbanização) e na escola. A não-aceitação da necessidade de movimento e da experiência corporal da criança põe em causa as atividades instrumentais que organizam o cérebro (FONSECA, 1987, p. 21).

Importante se faz, o professor realiza uma breve avaliação psicomotora em seus alunos para saber quais as habilidades não foram totalmente desenvolvidas e trabalhar com atividades que as estimule. O movimento está presente em todo desenvolvimento da criança e atrasos nessa área, acarreta em atrasos cognitivos significativos, que necessitarão de meses ou até anos, para serem recuperados.

Estes impasses não são exclusivos da alfabetização, mas quando presentes nessa etapa, podem comprometer os anos seguintes de escolarização. Diante de tantas dificuldades, faz-se necessário um olhar diferenciado para essas crianças que retornam ao ensino presencial sem se alfabetizar, com acompanhamento individualizado e um mediador preparado para detectar quais as habilidades cada criança necessita desenvolver.

É urgente que se pense em políticas que defendam o planejamento de estratégias que visem a recuperação da aprendizagem, como formação continuada dos docentes, reforço escolar e ampliação da carga horária para as crianças.

Por fim, fica aos professores o desafio de garantir uma prática contextualizada que valorize a criança e suas particularidades.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.



BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 05 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - Educação é a base**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 05 de jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CEB n. 04/98, de 29 de janeiro de 1998. Institui as diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 05 jun. 2022.

CAVICCHIA, D. de C. **O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida**. Psicologia do Desenvolvimento, Acervo Digital Unesp, 2010.

FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, E. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999, v.2.

FERREIRO, E; Teberosky, A. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. de LICHTENSTEIN, D. M. et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FONSECA, V. **Psicomotricidade**. 4. ed. São Paulo: Martins Fonte, 1996.

FONSECA, V. **Manual de Observação psicomotora: Significação psiconeurológica dos fatores psicomotores**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

FONSECA, V. **EDUCAÇÃO PSICOMOTORA – A PSICOCINÉTICA NA IDADE ESCOLAR**. PORTO ALEGRE: PORTO ALEGRE: ARTES MÉDICAS, 1987, 2 ED.

FREIRE, P. **A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER: TRÊS ARTIGOS QUE SE COMPLETAM**. SÃO PAULO: CORTEZ, 1989.

LE BOULCH, J. **Educação psicomotora: a psicomotricidade na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

NEGRINE, A. **Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil**. Porto Alegre: Prodil: 1994.



2º Congresso Internacional de Humanidades

4º Congresso Internacional de Educação

ISSN 2318-759X

Formação de Professores, Tecnologias, Inclusão e a Pesquisa Científica

06 a 09 de Junho de 2022



CENTRO
UNIVERSITÁRIO



PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Trad. LENARDON, E. São Paulo: Summus, 1984. (Trabalho original publicado em 1932).

PINTO, G. R; LIMA, R. C. V. **O desenvolvimento da criança**. Belo Horizonte: FAPI, 2003, 6. ed.

RONCA, P. A. C. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. São Paulo: Edisplan, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Trad. CIPOLLA, J. N. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Trad. RESENDE, M. Lisboa: Antídoto, 1979.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.